

# ARQUITECTURA

# ARQUITECTURA

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO

## S U M Á R I O

Uma mensagem e um telegrama . . . . . 5

### ARTIGOS:

- Maleitas da Architecture Nacional — 5. O Problema da  
Mão de Obra. Arquitecto Keil Ameal . . . . . 11
- Estudo de Pintura Mural. Arquitecto Frederico George. . . . . 16
- Carta de Atenas (continuação) . . . . . 23

### ARQUITECTURA:

- Casa de Chã na Serra do Estrela. Arquitecto C. M. Ramos . . . . . 7
- Casa de Férias no Rodízio. Arquitecto Farle da Costa . . . . . 14
- Colónia Agrícola Cooperativa no Arizona. Arquitectos  
V. de Mars e Burton Cairns . . . . . 18
- O Arranjo do Politeama. Arquitecto Raúl Tojal . . . . . 22

### SECÇÕES:

- Artes Plásticas — O Escultor Rocha Correia . . . . . 13
- Ecos e Notícias . . . . . 25
- Livros e Revistas . . . . . 25

DIRECTOR E EDITOR: F. PEREIRA DA CORTA • PROPRIEDADE DE INICIATIVAS CULTURAIS ARTE E TÉCNICA, I.C.A.T., LDA • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EMPRESA DE TIPOGRAFIA E PUBLICIDADE, LDA, T. DO SEQUEIRO, 4-B, LISBOA • ADMINISTRAÇÃO (PROVISÓRIAMENTE): T. DO SEQUEIRO, 4-B, LISBOA • TELÉF. 2 499 • ASSINATURAS: PORTUGAL E ESPANHA: 6 NÚMEROS, 42800; 12 NÚMEROS, 69800 • COLÓNIAS PORTUGUEZAS E BRASIL: 12 NÚMEROS, 100800 • OUTROS PAÍSES: 12 NÚMEROS, 120800 • AS ASSINATURAS PAGAS ADIANTADAMENTE, INICIAM-SE EM QUALQUER NÚMERO



# CONCURSO PARA UMA CASA DE FÉRIAS NO ALTO RODÍSIO

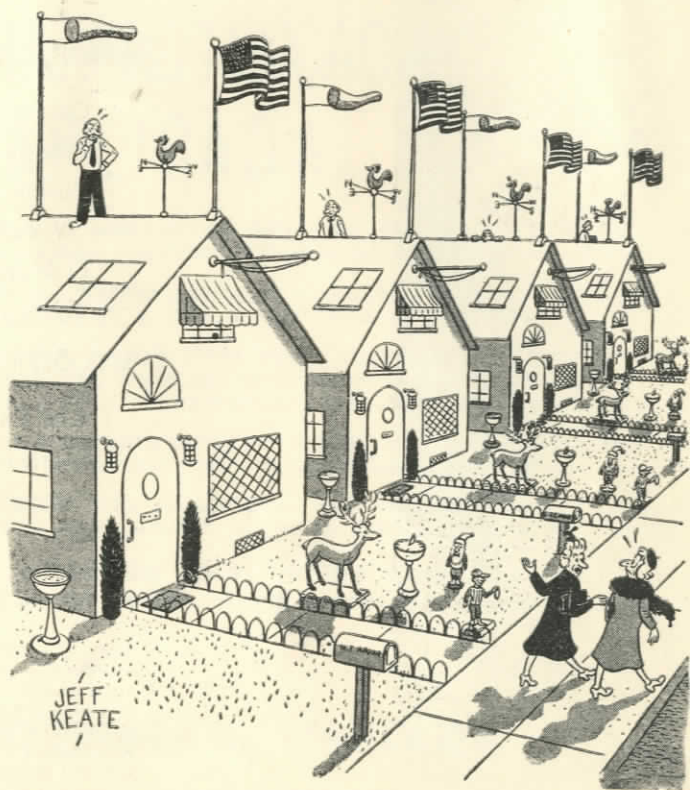
O CONCURSO organizado pela nossa revista, em colaboração com o senhor Antero Ferreira, cujo programa e condições vieram publicados no número 16, despertou o mais profundo interesse e o maior entusiasmo, tendo sido apresentados 17 ante-projectos, todos eles concebidos dentro dum espírito moderno e sem transigências com os preconceitos de que enferma a arquitectura portuguesa dos últimos tempos.

Este concurso dá-nos bem a medida de como os nossos mais jovens architectos reagem perante a necessidade de procurar novos caminhos para a solução dos nossos problemas architectónicos, e é consolador ver como se afastam do falso nacionalismo formalista, considerado até aqui solução única e suficiente.

Em todos os projectos apresentados o problema foi resolvido lançando mão dos materiais da região e utilizando dum modo geral as técnicas e os processos de construir com que entre nós mais fácil e seguramente se pode contar.

O júri para apreciação dos trabalhos, constituído pelo Sr. Antero Ferreira, pelo Architecto Paulo Cunha, — delegado da nossa revista, — pelo Prof. Arq. Carlos Chambers Ramos e pelo aluno do Curso Superior de Architectura da E. B. A. L., Pedro Cid, — delegados dos concorrentes — atribuiu o 1.º prémio (Prémio Adelino Nunes e Cottinelli Telmo) ao Architecto João Andresen e dois 2.ºs prémios *ex-aequo* ao trabalho do Architecto Victor Palla e ao dos Architectos M. Rodrigues e António Machado. Foram atribuídas menções honrosas aos trabalhos dos Architectos Cândido Palma e Formosinho Sanches.

Congratulamo-nos com o êxito desta iniciativa e anunciamos aos nossos leitores a publicação no próximo número, dos trabalhos apresentados, bem como do relatório do júri a quem competiu a tarefa de os julgar.



— O MEU MARIDO FAZ TODO O POSSÍVEL PARA TORNAR A NOSSA CASA DIFERENTE DAS OUTRAS, MAS OS VIZINHOS É QUE NÃO QUEREM FICAR ATRÁS

(De «The Saturday Evening Post»)

# UMA MENSAGEM E UM TELEGRAMA

*Pelo seu excepcional interesse e oportunidade, transcreve-se uma mensagem que alguns architectos do Norte enviaram recentemente ao presidente da Câmara Municipal do Porto:*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto

Lemos nos jornais a comunicação de V. Ex.<sup>a</sup> de que a Câmara do Porto vai construir nesta cidade um bloco de habitações económicas.

Por que a notícia merece uma atenção especial entendemos não dever ficar alheios a ela, tomarmos interesse pelo assunto e apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> as seguintes considerações.

A circunstância de ter sido escolhida uma solução em bloco, solução entre nós proscrita há tantos anos, é a parcimónia de detalhes e elementos de informação que acompanharam aquela comunicação de V. Ex.<sup>a</sup> levou-nos a pensar que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara tenta experimentar, com uma realização prática, os resultados da construção de moradias em bloco antes de lançar-se na resolução de um dos mais graves — talvez o mais grave — problemas da cidade.

Como nada sabemos em pormenor do plano da Ex.<sup>ma</sup> Câmara e como nada foi dito sobre esses pormenores por V. Ex.<sup>a</sup> achamo-nos em boa posição para prestar o nosso aplauso à iniciativa e só à iniciativa, deixando sob reserva o nosso aplauso quanto à maneira da sua execução.

O nosso objectivo é simplesmente o que directamente resulta da comunicação tornada pública. Por um lado registar um facto inesperado de ao fim de tantos anos de experiências e investigações no terreno do problema da habitação pelo estudo unilateral da solução chamada «individual» vir agora experimentar-se a solução chamada «colectiva»; por outro lado — e dado que nos consideramos profissionalmente interessados na experiência que pretende fazer-se — oferecer a V. Ex.<sup>a</sup> a nossa modesta e desinteressada colaboração.

Por razões que julgamos estranhas à própria natureza do problema no nosso País, tem sido sistematicamente abandonada a solução em bloco e adoptada a solução isolada. Milhares de pequenas moradias têm sido construídas pelo Estado e pelas Câmaras Municipais através de todo o país, agrupando-se sob a designação de «bairros operários» ou «bairros económicos», mas nenhuma construção em bloco tem sido levantada apesar de sob o ponto de vista técnico, económico, higiénico, architectónico e urbanístico apresentar vantagens que tornam legítima a defesa da sua preferência.

Este processo unilateral de pretender resolver um problema tão vasto e tão complexo tem conduzido a uma conclusão também unilateral dos resultados e nós, assim como um largo sector da população, não estamos por isso seguros de que essa tenha sido a melhor orientação.

Esta atitude e esta inquietação são tanto mais justificadas quanto é certo conhecermos as teses, as soluções e as experiências de todos os países do mundo e de outros Governos que decididamente caminham para a solução diametralmente oposta à nossa. Mas é tal o deslumbramento e tal a superioridade em todos os aspectos da solução em bloco que a nós, técnicos, custa-nos a crer ter sido possível insistir-se tanto tempo em tão precária e tão condenada solução, sem que fortes e claras razões existam.

Por força existem razões — e só razões ligadas à natureza do problema — que tornam legítimo o uso da única solução até agora adoptada. A nossa ignorância, porém, as não deixa vislumbrar.

São essas razões — as razões contra a solução em bloco — que esperamos ter agora oportunidade de poder analisar directamente na experiência que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara vai pôr em prática.

Congratulamo-nos por isso.

Mas como pode acontecer os resultados saírem viciados e mais tarde vir a apontar-se defeitos à solução em bloco que ela, em verdade, não tenha se a prova que vai ensaiar-se não for previamente estudada e projectada de acordo com as suas características e exigências próprias; e como é natural, por outro lado, que a falta de experiência no estudo deste tipo de construção conduza involuntariamente a insuficiências e concepções antiquadas, os abaixo assinados, architectos de profissão, no propósito de colaborar com a Ex.<sup>ma</sup> Câmara do Porto na realização desta experiência e dela colher os maiores ensinamentos que a todos e também à cidade aproveitarão, tomam a liberdade de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> as seguintes sugestões:

- 1.º Se já existe projecto torná-lo público e admitir a sua crítica;
- 2.º Se não existe projecto tornar público o concurso para a sua elaboração;
- 3.º Se existe apenas um programa tornar público esse programa antes da abertura do concurso para o projecto e aceitar as sugestões que forem apresentadas para a sua alteração e mereçam o acordo da Ex.<sup>ma</sup> Câmara.



Com isto não queremos atingir nem o prestígio dos técnicos que estão sob a direcção de V. Ex.<sup>a</sup> nem o próprio prestígio da Câmara Municipal do Porto.

O nosso objectivo é apenas o de fazer sentir que a iniciativa da Ex.<sup>ma</sup> Câmara nos veio interessar e a ela queremos até ligar a nossa modesta contribuição.

Porto, 26 de Fevereiro de 1948.

(aa) *Alfredo Ângelo de Magalhães, Agostinho Ricca, Adalberto Dias, Fernando L. de Faria, Cassiano Barbosa, Arménio Losa, Eugénio Alves de Sousa, J. Cruz Lima, Fernando Moura, Mário F. Bonito, Lobão Vital, Joaquim Marques Araújo, Artur Andrade, Albino Mendo, R. Gil da Costa, Luis de Oliveira Martins, Fernando Tudela, António Neves, Rui Pimentel, Viana de Lima, João de Melo Breyner Andresen, Fernando R. Lanhas, J. Carlos Loureiro, Eduardo Rocha Matos, Francisco Augusto, Delfim Amorim, Fernando Sousa, Fernando Campos, Fernando Monteiro, Fernando Barbosa, Carlos Ramos, Estela Sant'Ana, Benjamim do Carmo, Maria Helena Sant'Ana, Januário Godinho e Rogério de Azevedo.*

---

*Publica-se também o seguinte telegrama, enviado por architectos do Norte ao presidente da Assembleia Nacional:*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente Assembleia Nacional:

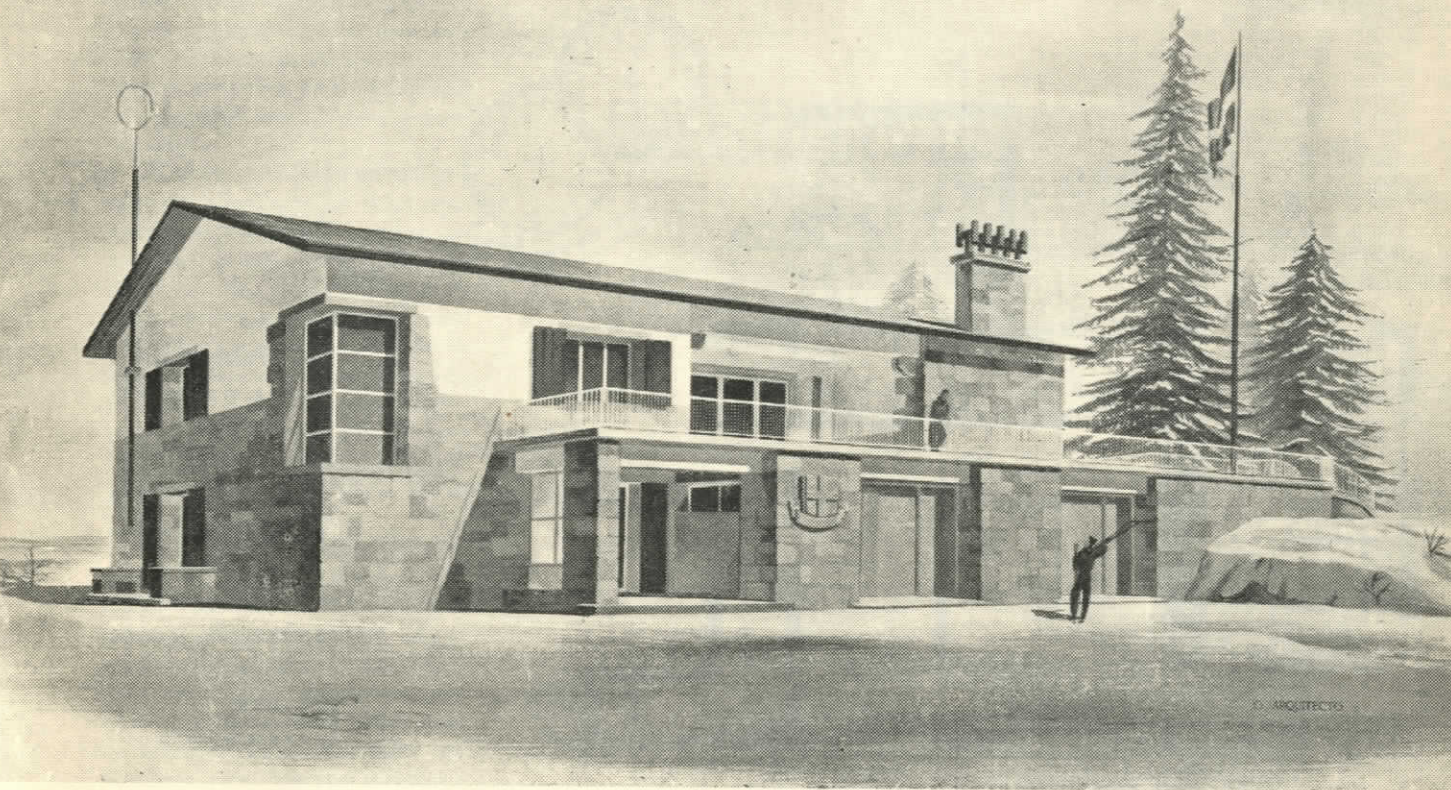
Architectos Norte abaixo assinados em contacto capitalistas que projectavam inversão capitais edificação habitações agora alvorçados por proposta lei PROBLEMA HABITAÇÃO e resolvidos suspender construção pedem a V. Ex.<sup>a</sup> fazer entrega Comissão Deputados seguintes sugestões:

- 1.º Sendo problema Habitação grave problema nacional de há muitos anos, agravado aumento de população, fundamentalmente resultante carência de habitações que se adoptem medidas sentido desenvolver sua construção quer tornando mais efectiva doutrina decreto 2.007 de 7/5/45 através organismos oficiais sociedades anónimas e cooperativas, instituições de previdência social, empresas industriais, etc., quer impulsionando própria iniciativa capitais particulares;
- 2.º Reconhecendo má orientação iniciativa particular por aplicação de capitais em habitações luxo e rendas altas, orientação contrária à solução problema, que se estude e publique diploma orientando essa iniciativa para solução verdadeiro problema através concessão regalias, isenções diversas, facilidades aquisição terrenos, etc.;
- 3.º Publicação quaisquer medidas tenham por resultado quebra estímulo capitais particulares só tenderá o maior agravamento situação e prejuizo actividade nacional de técnicos e operários e indústria de materiais, especialmente se Estado e autarquias locais não quiserem assumir por si só a responsabilidade solução integral enorme problema;
- 4.º Publicação medidas tenham por fim exclusivamente actualização de rendas determinará valorização de muitas habitações que antes deviam ser condenadas como impróprias para habitar e consequentemente estimular o capital privado à compra de prédios antigos — o que é contrário à solução integral do problema que exige prédios salubres e funcionalmente bem organizados. Na construção em grande escala habitações económicas está chave do problema;
- 5.º Entendemos solução integral não só um lar próprio para cada família como um lar alegre e higiênico, coisa maioria habitações não tem o que implica ainda maior necessidade construções;
- 6.º Mesmo Estado e autarquias locais possam e queiram por si só resolver problema seria consequências graves economia nacional impedir inversão capitais particulares na construção assim como tornaria certamente mais longinqua solução problema;
- 7.º Como não deve ser de desprezar colaboração de técnicos architectos e engenheiros na solução problema — que é como dizemos fundamentalmente um problema de carência de construções — e como por iniciativa Governo vai realizar-se Junho Congresso Architectura e Engenharia precisamente um dos objectivos é o Problema Nacional da Habitação que se aguardem as resoluções desse congresso antes aprovação qualquer nova lei;
- 8.º Aos técnicos compete fazer baixar o custo da construção normalizando os elementos da construção e adoptando novos métodos de construção como a prefabricação e a estandarização. A um rebaixamento do custo da construção corresponde um rebaixamento nas rendas. Este será o verdadeiro caminho.

Porto, 9 de Março de 1948.

(aa) *Mário Bonito, Luis Oliveira Martins, Delfim Amorim, Agostinho Ricca, Gil da Costa, Marques Araújo, Cassiano Barbosa, Adalberto Dias, Fernando Matos, A. Veloso, Arménio Losa, Fernando Moura, Artur Andrade, Viana de Lima, Cruz Lima, João Andresen, Fernando Tudela, Lobão Vital, Alfredo Magalhães, Alves de Sousa, António Neves, Limpo de Faria e Benjamim do Carmo.*

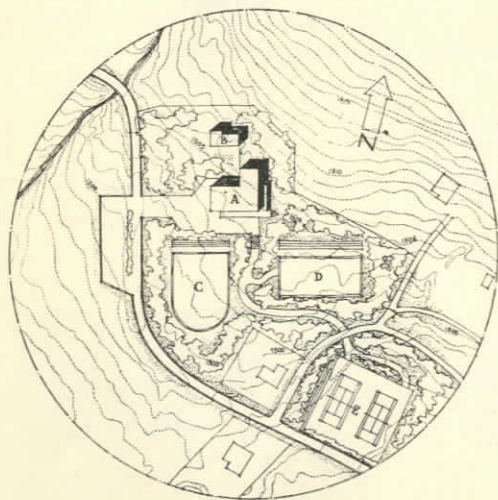




# SALA DE CHÁ NA SERRA DA ESTRELA

ARQUITECTO CARLOS MANUEL RAMOS

É intenção da Câmara Municipal da Covilhã criar na Serra da Estrela um pequeno centro de recreio e reunião destinado a turistas e desportistas, composto, como mostra a planta topográfica, de dois recintos de patinagem (gelo e rodas) (C e D) e dois «courts» de tennis (E). O edifício principal deste conjunto é a casa de chá (A), cujo ante-projecto figura nestas páginas.

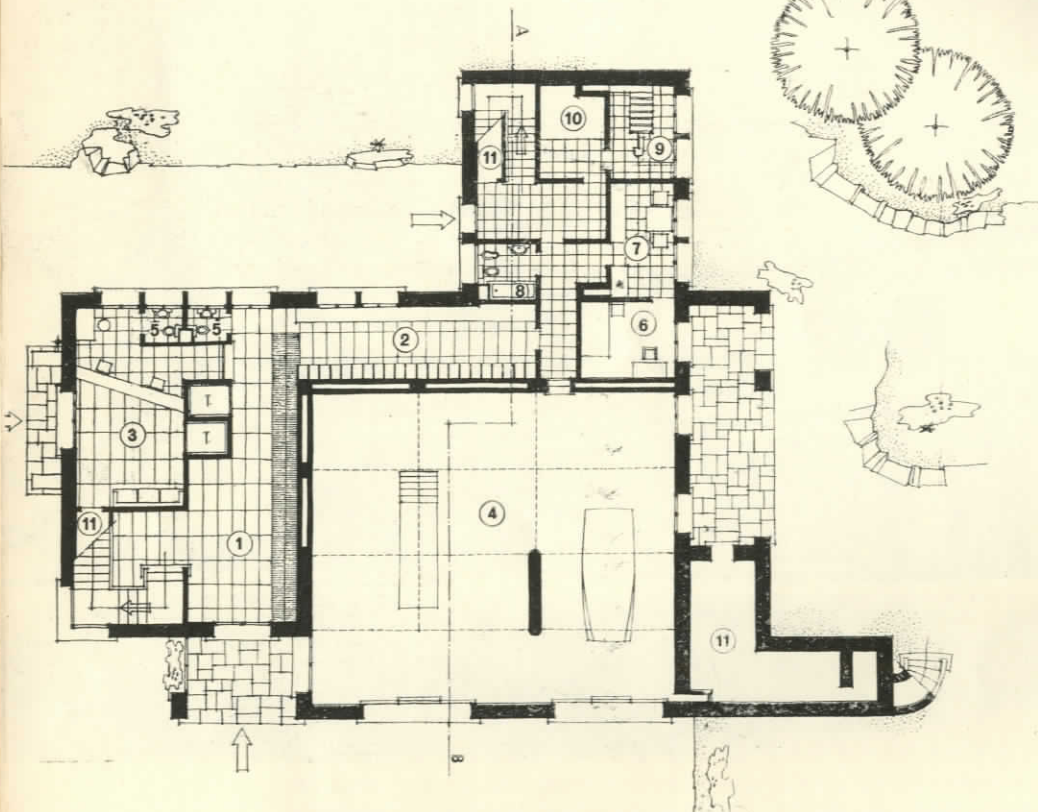


Funcionalmente, a solução resolve em absoluto as exigências do programa. Os serviços arrumam-se em dois pisos. A entrada principal faz-se evidentemente pelo rez-do-chão e junto a ela existe uma ampla arrecadação onde os desportistas, ao chegar do exterior, arrumam os skis. Encontram-se neste pavimento uma zona destinada ao turismo e correios, garage, habitação do guarda, caldeira de aquecimento, a óleo e a lenha, depósito de combustíveis, e arrecadações.

A zona de estar e seus anexos ocupam o primeiro andar; a sua peça principal é a grande sala de jantar, com recinto de dança e uma grande lareira. Esta sala, junto da qual há um bar, abre francamente a nascente e a sul; e os grandes vãos que a ligam à ampla varanda fazem com que a magnífica paisagem que dela se disfruta penetre no seu interior. Não se perde desta



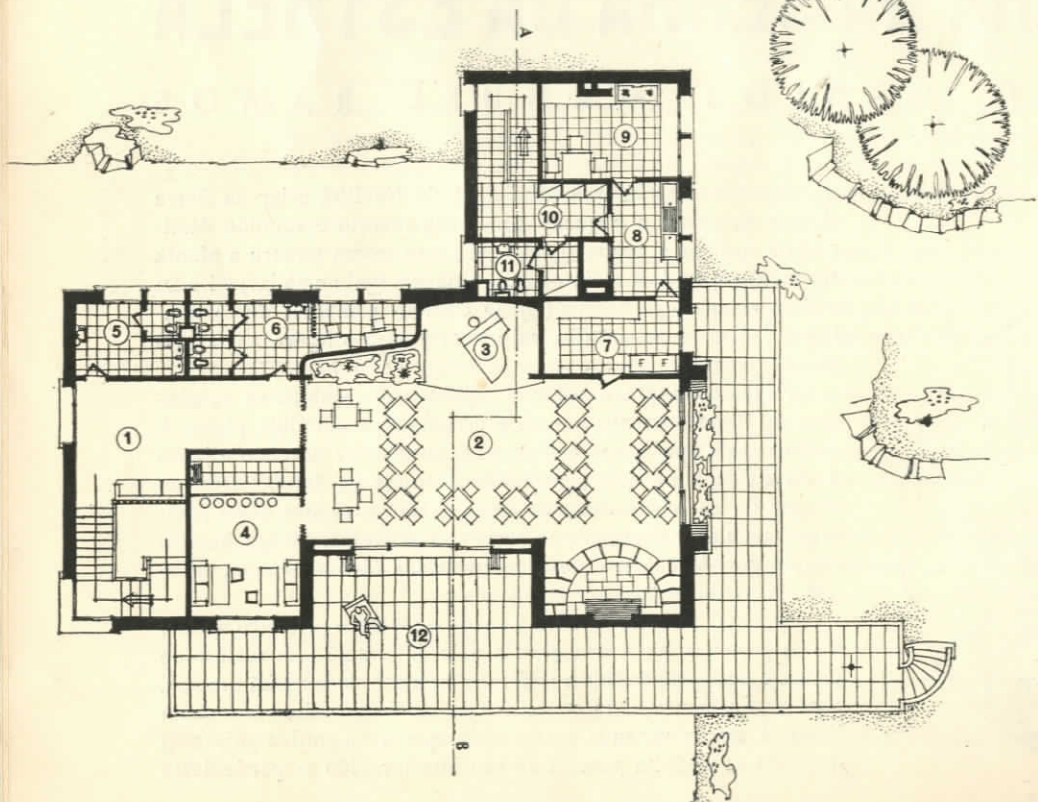
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



R/C.

- 1 — HALL
- 2 — VESTIÁRIO E SKIS
- 3 — C. T. T. E TURISMO
- 4 — GARAGEM
- 5 — W. C.
- 6 — QUARTO DO GUARDA
- 7 — COZINHA — JANTAR DO GUARDA
- 8 — BANHO DO GUARDA
- 9 — CALDEIRA A ÓLEO E LENHA
- 10 — LENHA
- 11 — ARRECADADAÇÃO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



1.º ANDAR

- 1 — HALL
- 2 — SALA DE JANTAR
- 3 — MUSICOS
- 4 — BAR
- 5 — W. C. HOMENS
- 6 — W. C. SENHORAS
- 7 — COPA
- 8 — SERVIÇO
- 9 — COZINHA
- 10 — HALL DE SERVIÇO
- 11 — W. C. DE SERVIÇO
- 12 — TERRAÇO

forma um dos grandes ensinamentos da arquitectura moderna: este edificio, sendo um abrigo contra os rigores do clima, permite tambem um contacto com a beleza natural do sitio.

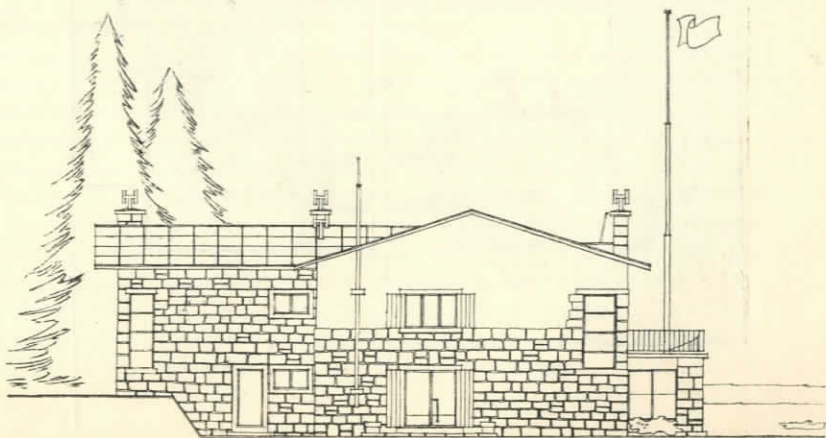
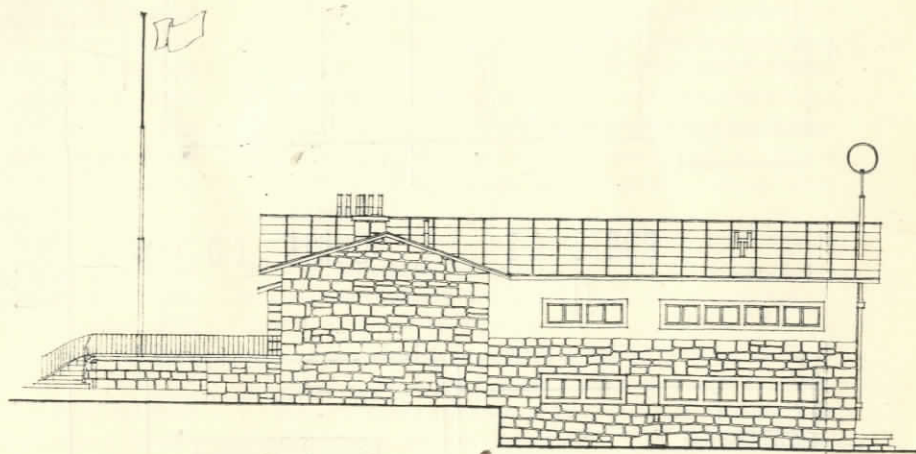
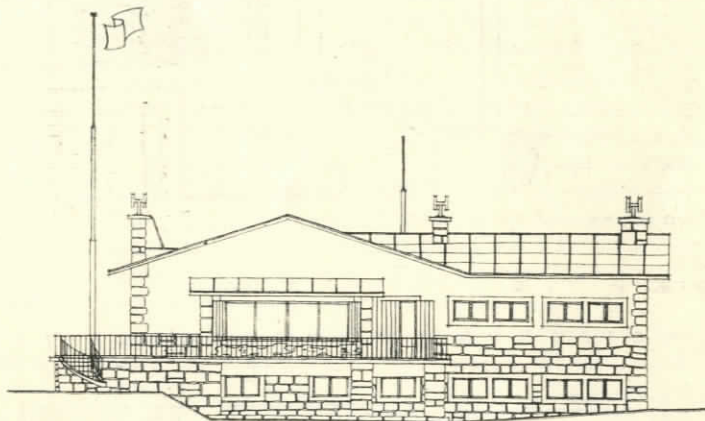
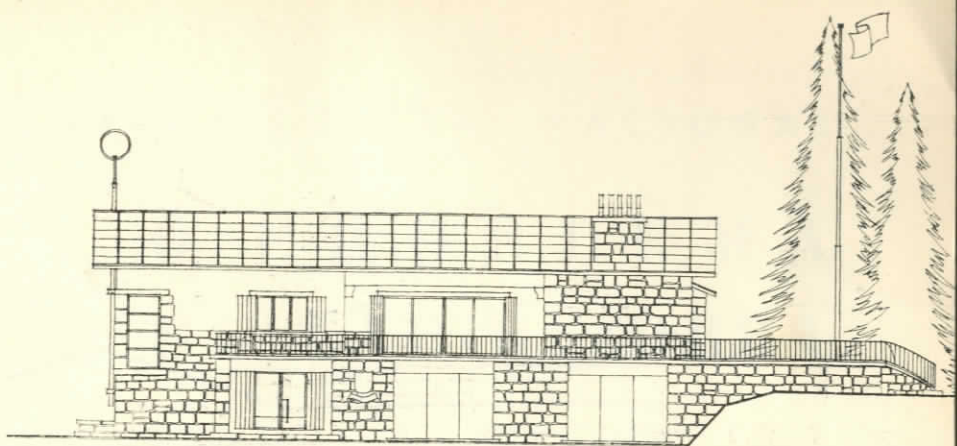
É todo construído de granito, material abundante no local, apenas se empregando o cimento armado nos grandes vãos que a solução impunha. A cobertura é de zinco assente sobre uma estrutura de madeira e parece a mais aconselhável para uma região de neves, pois sendo o zinco bom condutor térmico, facilita a fusão da neve que com ele se encontra em contacto directo, provocando o seu rápido escorregamento.

Julgamos ter interesse o pormenor da chaminé: prova-se que só as chaminés de tubo de ferro galvanizado garantem no local uma tiragem perfeita. O architecto, agrupando vários elementos deste tipo e encastrando-os numa base de granito, conseguiu assim um elemento com interesse estético e que resolve perfeitamente o problema.

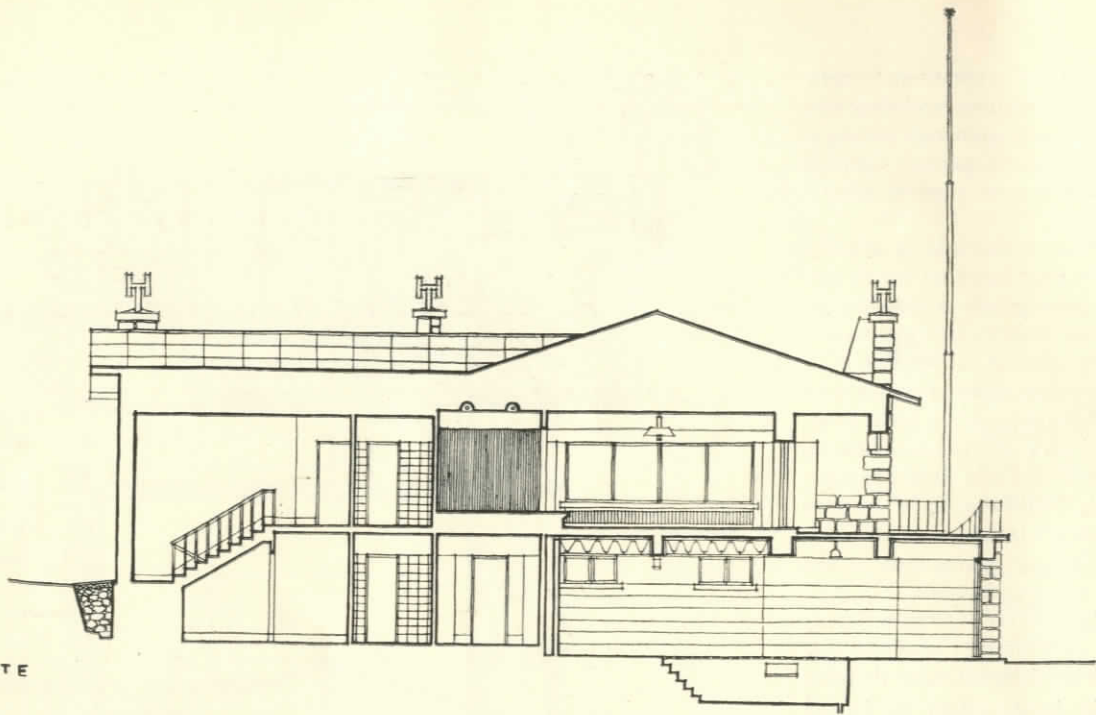
A expressão architectónica das fachadas afasta-se do carimbo do falso regionalismo tantas vezes imposto a edificios deste género. Os beiradinhos chamados à portuguesa e a profusão de alpendres, floreiras, arcadas, pináculos e outros elementos que constituem a receita geralmente aconselhada e aplaudida, foram propositadamente abandonados pelo architecto que, ao projectar esta casa de chá, antes procurou simplicidade e pureza de linhas e de formas.

ALÇADOS: SUL

NASCENTE  
NORTE  
POENTE

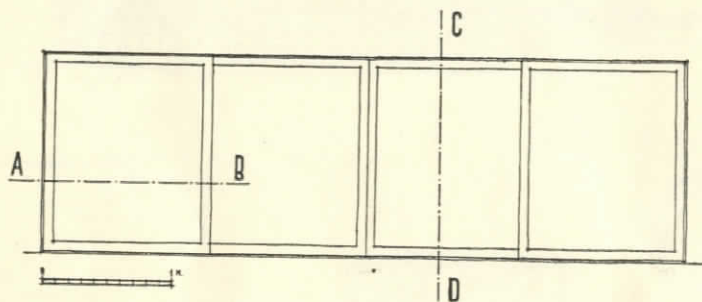






CORTE

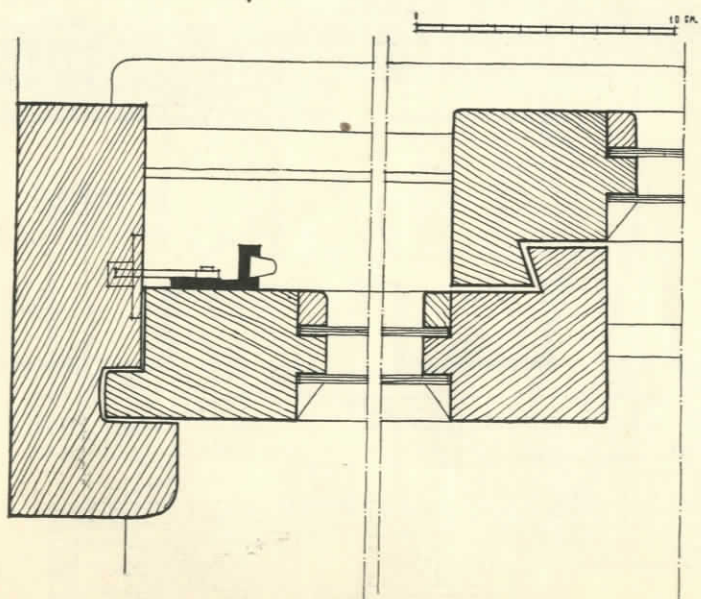
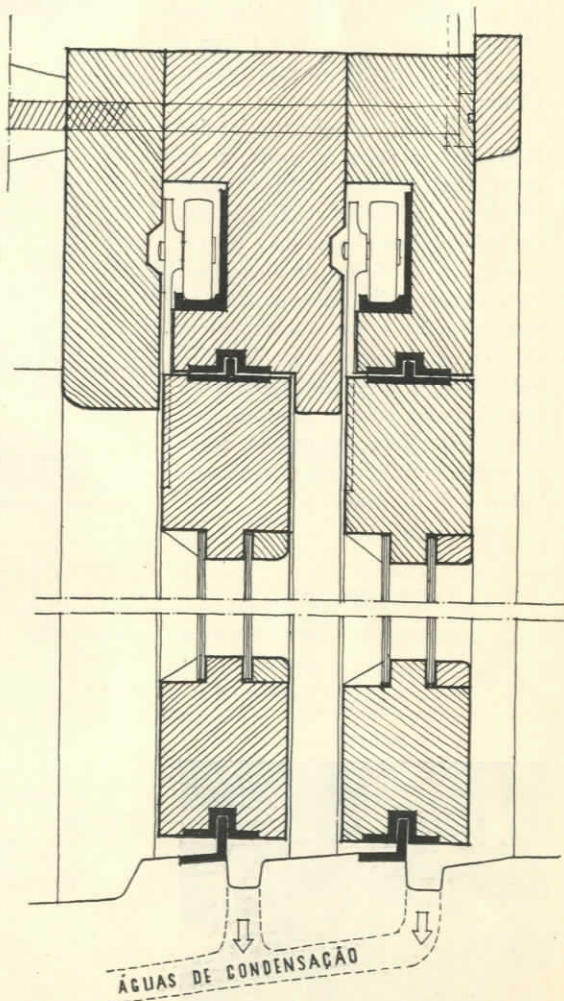
CONJUNTO E PORMENORES DE UMA JANELA DE CORRER



CORTE A-B



CORTE C-D →



5

O PROBLEMA  
DA MÃO-DE-OBRA

NESTE penoso soluçar de maus fados em que me meti, chegou a vez de entoar a triste canção da mão-de-obra portuguesa. É um canto de tons sombrios, onde se foca a degenerescência da qualidade do trabalho manual na construção civil, sem que as almas bem formadas e a quem o caso competia lhe tivessem acudido com medidas mais eficientes do que simples palavras bem intencionadas (tal e qual como agora vou fazer).

É um facto de verificação corrente que o operário português parece ter perdido grande parte daquele brio profissional de que dava abundantes provas e que a própria qualidade do trabalho que produz tem diminuído de modo sensível.

Todos nós, architectos, temos constatado como só uma fiscalização permanente, rigorosa, impede que se façam paredes mal apumadas, se deixem peças de madeira mal ligadas ou embebidas nas paredes sem as necessárias precauções, se façam pinturas sobre madeira sem se isolarem previamente os nós, se acabem carpintarias de limpos de um modo grosseiro, se assentem azulejos sem escolha e mal alinhados, etc., etc. E todos nós temos verificado também, com frequência, que isso é feito com um ar perfeitamente natural, como se os cuidados elementares que exigimos fossem meras esquisitices de sujeitos com o delírio da perfeição.

O panorama é desanimador. No entanto creio, sinceramente, que o operário português possui qualidades de trabalho excepcionais e, a confirmar tal convicção, está o bom conceito em que é tido nos países para onde, normalmente, emigra e de que pessoalmente me dei conta em vários casos e ocasiões.

Não tem, é certo, a cultura média nem as aptidões técnicas dos seus iguais de alguns países, mas é dotado de uma boa-vontade, de uma capacidade de trabalho e de uma honestidade invulgares.

Em França, no Brasil e nos E. U. A. preferem-no, juntamente com o operário italiano, para os trabalhos duros, pesados, que os naturais desdenham e quase sempre os aceita sem reboço e dá largas mostras de dedicação, resistência física e também de notáveis faculdades de adaptação a métodos e condições de trabalho diferentes daqueles a que estava habituado.

É disciplinado, cumpridor, zeloso mesmo; mas essas qualidades naturais não poderiam, só por si, obstar ao processamento do actual estado de coisas. A má qualidade do trabalho produzido e a falta de brio dos operários da construção civil, que a todo o momento verificamos nas nossas obras, não podem, em boa verdade,

ser-lhes imputadas. Os operários, bem vistas as coisas, são mais as vítimas do que os culpados desta situação.

Recordam ainda alguns architectos portugueses os tempos em que o movimento da construção civil no nosso país não tinha, nem de longe, este ritmo acelerado que tem hoje. De quando em quando começava-se um edificio, nuns anos mais e noutros menos, as cidades levando a primazia sobre as vilas e as aldeias, mas dando-se tempo ao tempo para que os projectos se estudassem calmamente, se escolhessem e adquirissem os materiais necessários e se recrutasse pessoal especializado nos vários ramos da construção civil.

Esse pessoal especializado existia. As profissões fundamentais eram poucas — pedreiro, carpinteiro, serralheiro, estucador, pintor — e contavam com elementos suficientes e bem preparados para as tarefas que, correntemente, se lhes exigiam.

Em geral essa preparação era feita ainda pelos métodos da idade média, estagiando os mestres nas categorias de aprendiz e oficial, começando cedo, rapaziños ainda, a «aprender a arte» e sujeitando-se aos trabalhos, prazos, descomposturas e sopapos comumente estabelecidos para conquistar galões na escala hierárquica do seu officio até atingirem a maioria profissional.

Em certas terras, em certas regiões, transmitiam-se de pais para filhos e de vizinhos para vizinhos os conhecimentos dessas profissões e era de lá que vinham depois para outras terras e outras regiões do País os homens capazes de erguer uma boa parede, ou de fazer um perfeito tecto de estuque e uma coluna de escaiola.

Essas verdadeiras escolas profissionais, embora não fizessem mais do que transmitir velhos conhecimentos, faziam-no, ao menos, com seriedade e eficiência. Não as dominava um sentido progressivo, mas era sólido e honesto o que empreendiam.

O pedreiro que afeiçoava uma pedra, o carpinteiro que afeiçoava um barroto, por muito humilde que fosse a sua tarefa numa obra, conservavam ainda muito daquele brio, daquele orgulho profissional, dos seus maiores que ergueram as catedrais. Esmeravam-se. Gastavam o tempo necessário para que o serviço ficasse perfeito e a medida do seu valor e da sua capacidade profissional era dada, mais pela perfeição do que pela rapidez com que trabalhavam.

Depois, por força das circunstâncias, entre elas e predominantemente o aumento extraordinário das populações, o ritmo das novas construções foi-se intensi-



ficando e a sede do lucro seguiu-lhe no encaicho. A indústria da construção civil provou ser um ótimo negócio e atraiu as actividades cobiçosas de centenas de indivíduos cujo propósito fundamental, se não único, era ganhar dinheiro.

Passou a construir-se por e para negócio. O prédio de rendimento, mormente na capital e arredores, ocupou, com enorme dianteira, o primeiro lugar entre os tipos das construções que se erguiam. E era feito, não ao sabor das necessidades das populações, mas das facilidades de venda e dos maiores ou menores lucros que podia dar.

A procura de pessoal especializado passou a ser maior do que a existência desse pessoal e abriu as portas a muitos indivíduos mal preparados, sem um mínimo de conhecimentos indispensável. Depois, nas obras em que, de certo modo, poderiam ter completado essa preparação, foram industriados na arte de «despachar serviço» sem grande esmero. Era o próprio encarregado, era o próprio patrão quem lhes dava pressa, constantemente, e os ensinavam a encher caboucos com pedra inadequada, a fazer argamassas com traços fraquíssimos, a fazer blocos de cimento em que o cimento era visita de cerimónia, a empregar madeira de má qualidade! E saíam dessa obra para outras, mais ricas de experiência, mas de uma experiência indesejável.

Foi, pois, o prédio de rendimento que passou a constituir a verdadeira escola da maioria dos operários nacionais. Foi, pois, a possibilidade de aumentar o lucro na transacção final do prédio, que orientou a formação profissional desses operários. E é inegável que muitos dos edifícios que se construíram entre nós funcionaram como autênticas escolas profissionais de «aldrabice».

Assim caminharam as coisas...

Por outro lado, além da pressa e da ganância, surgiram elementos novos no desenrolar da situação. Os métodos de construir, muito embora, na parte fundamental, não se hajam alterado profundamente entre nós, sofreram certas transformações. O emprego do cimento armado, mesmo sem grande generalização, o emprego de grande número de novos revestimentos de paredes e coberturas, de novos tipos de pavimentos, exigiu a muitos operários uma preparação diferente da que se ministrava correntemente. E essa preparação ninguém curou de lhe dar. Têm-na adquirido ao acaso das possibilidades que vão encontrando nas várias obras em que se empregam.

O favor de um encarregado amigo, um pouco de audácia ou a falta momentânea de pessoal, conferiram a muitos operários títulos profissionais que estavam longe de merecer. E é obvio que gente assim preparada não poderá fazer trabalho conveniente, como ainda por cima não está à altura de preparar os aprendizes que são postos ao seu lado.

Daí um rebaixamento gradual do nível de conhecimentos dos operários das várias especializações e do trabalho produzido. É uma autêntica cadeia sem fim...

Como é nas próprias obras que se aprende e os mestres, mal ensinados de um modo geral, não poderão ensinar bem, creio que só uma pleiade de bons encarregados poderia, de algum modo, corrigir essa situação. O construtor civil, por força das actuais condições de vida, tende a ser, cada vez mais, um homem de negócios, um director de empresa, e são os encarregados, bem vistas as coisas, quem dirige as obras.

O construtor gasta o seu tempo tentando adquirir materiais, correndo as repartições das Câmaras para arrancar as licenças de construção, fazendo contas, atendendo simultaneamente às necessidades de muitas obras em curso e pouco para em cada obra. São os encarregados, de facto, quem as dirige. E a maioria não está à altura dessa missão. As mais das vezes são simples operários enérgicos e com um pouco de experiência, capazes de compreenderem um desenho simples, e é tudo.

Já pela complexidade das construções modernas, já pelo papel preponderante que as circunstâncias lhes destinaram dentro das obras, necessitavam, absolutamente, de uma preparação mais sólida. Se as nossas escolas industriais não padecessem de uma inconcebível falta de adaptação às realidades nacionais, este seria, precisamente, um caso em que poderiam desempenhar um grande e útil papel.

Acresce ainda que os nossos operários da construção civil não têm sido suficientemente bem pagos para conservar aquele brio profissional e aquela inteireza de carácter que desejáramos reconhecer-lhes. Tem-se-lhes exigido muito para o que se lhes tem dado em troca e, apesar da sua proverbial boa-vontade, do seu desejo de cumprir, acabaram por se deixar possuir por um certo cansaço, desinteresse e azedume. Uma vida de constantes dificuldades e privações tem-lhes minado o zelo e diminuído sensivelmente a capacidade de se entregarem briosamente ao seu trabalho.

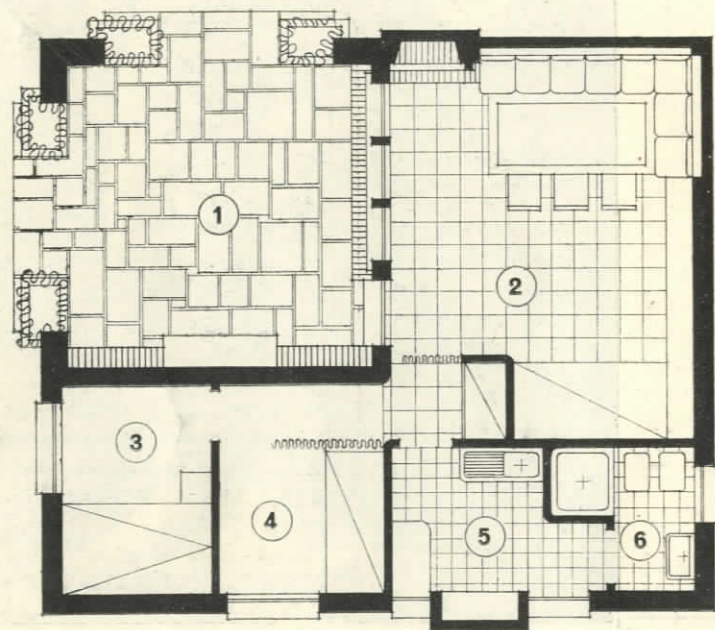
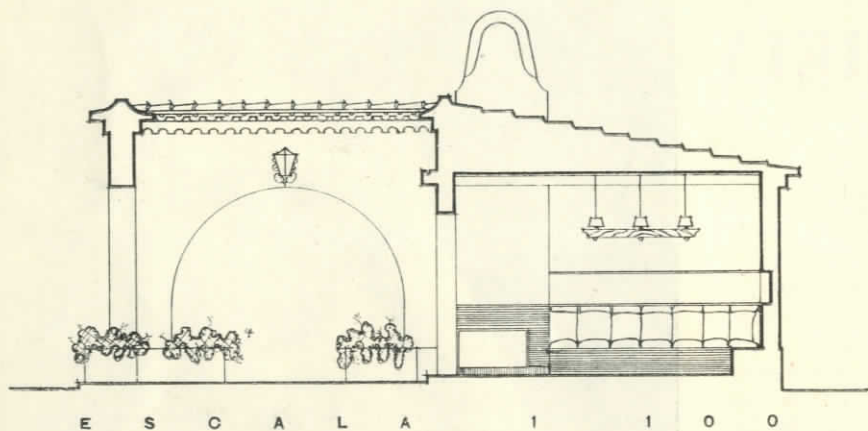
KEIL AMARAL

# O ESCULTOR ROCHA CORREIA



**R**OCHA CORREIA, um escultor novo relativamente pouco conhecido, mas um valor real adentro da limitada actividade plástica portuguesa. Coursou escultura na E. B. A. L., mas não apresenta na sua obra vestígios dessa aprendizagem, o que acontece raras vezes e só a fortes personalidades. Encontra-se com os grandes mestres da Renascença Masaccio, Piero della Francesca, e dos modernos com Picasso.





## CASA DE FÉRIAS NO RODÍZIO

- 1. PÁTIO DE ENTRADA
- 2. SALA DE JANTAR E ESTAR
- 3. QUARTO DOS PAIS
- 4. QUARTO DOS FILHOS (BELICHE)
- 5. COZINHA
- 6. W.C. E BANHO



AQUI se apresenta o caso do arquitecto projectar a sua própria habitação de férias. Problema onde este teria talvez encontrado maiores dificuldades do que em qualquer outro trabalho pois ao mesmo tempo encarnou o papel do cliente com todas as suas necessidades e exigências, constantemente entravadas pelo problema económico.

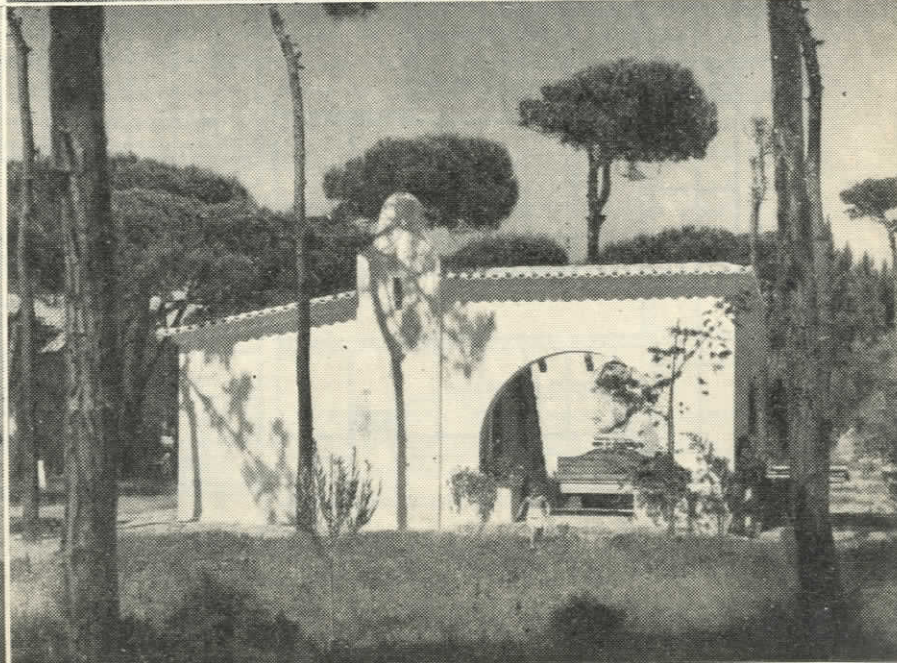
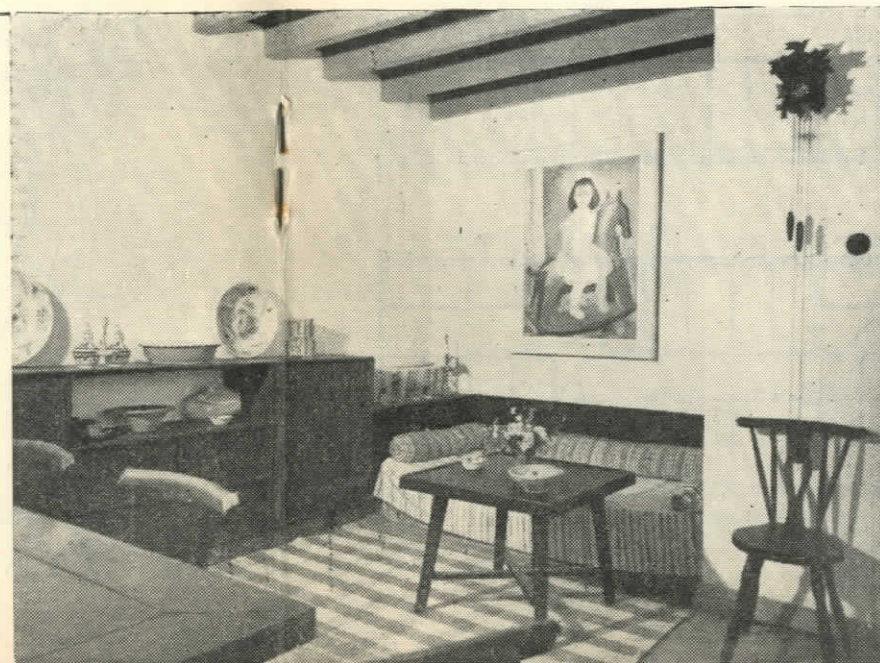
Lançando mão dos materiais da região e procurando integrá-la na paisagem, semeada de pinheiros, conseguiu realizar uma autêntica casa de férias, apenas com as dependências necessárias para o fim a que se destina.

À entrada, um pátio com dois arcos ladeados por floreiras, é como que uma sala de estar ao ar livre onde a beleza da paisagem não é perdida, antes pelo contrário, valoriza-se quando contemplada através daquele enquadramento.

Um motivo de escultura, encimando um pequeno banco de pedra, valoriza e enriquece o ambiente do pátio.

Interiormente os tecidos de cores alegres, a cerâmica popular, a nota viva de uma tela sobre a parede clara, um ou outro motivo de ferro forjado, móveis simples e discretos animam a sala de jantar e estar, principal dependência deste pequeno abrigo de férias.

Dois pequenos quartos, um dos quais com as camas em beliche, uma pequena casa de banho e uma cozinha de dimensões mínimas constituem as zonas íntima e de serviço.





# ESTUDO DE PINTURA MURAL

CONTINUAÇÃO

A pintura mural terá de completar o papel representado pela parede na arquitectura. Só ela, executada directamente no ambiente que a há-de envolver, com material fazendo parte integrante da constituição da parede, com as suas linhas e cores estudadas no local, resolverá a necessidade.

A aproximação do artesanato e da indústria impõe-se, à medida que se vão multiplicando os «ismas» da

pintura e se esquece a gramática em que assenta seja que expressão de arte for.

Um processo de pintura milenário, de velhas e boas tradições, o fresco, estudado e adaptado às técnicas novas, pode ainda hoje constituir um grande processo de pintura mural moderna.

É dele que nos vamos ocupar.

## SEGUNDA PARTE

### A TÉCNICA DA PINTURA A FRESCO

#### PINTURA A FRESCO

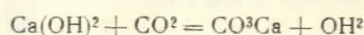
Denomina-se pintura a fresco, a pintura feita com pigmentos coloridos misturados com água, estendidos sobre uma argamassa de cal e areia, ainda fresca.

A pedra calcárea tal como se encontra na natureza é, na sua maior parte, carbonato de cálcio ( $\text{CO}_3\text{Ca}$ ) que, por acção do calor, liberta anidrido carbónico ( $\text{CO}_2$ ) e transforma-se em cal viva ou óxido de cálcio ( $\text{CaO}$ ). Em contacto com a água, hidrata-se ou, mais vulgarmente, apaga-se a cal viva, dando-nos o hidróxido de cálcio ( $\text{Ca(OH)}_2$ ) ou água de cal.

É o hidróxido de cálcio que entra na composição da argamassa sob o nome vulgar de cal, a que se junta a areia.

O hidróxido de cálcio ou cal, em contacto com o ar por acção do anidrido carbónico, transforma-se lentamente em carbonato de cálcio.

É esta acção representada pela seguinte equação:

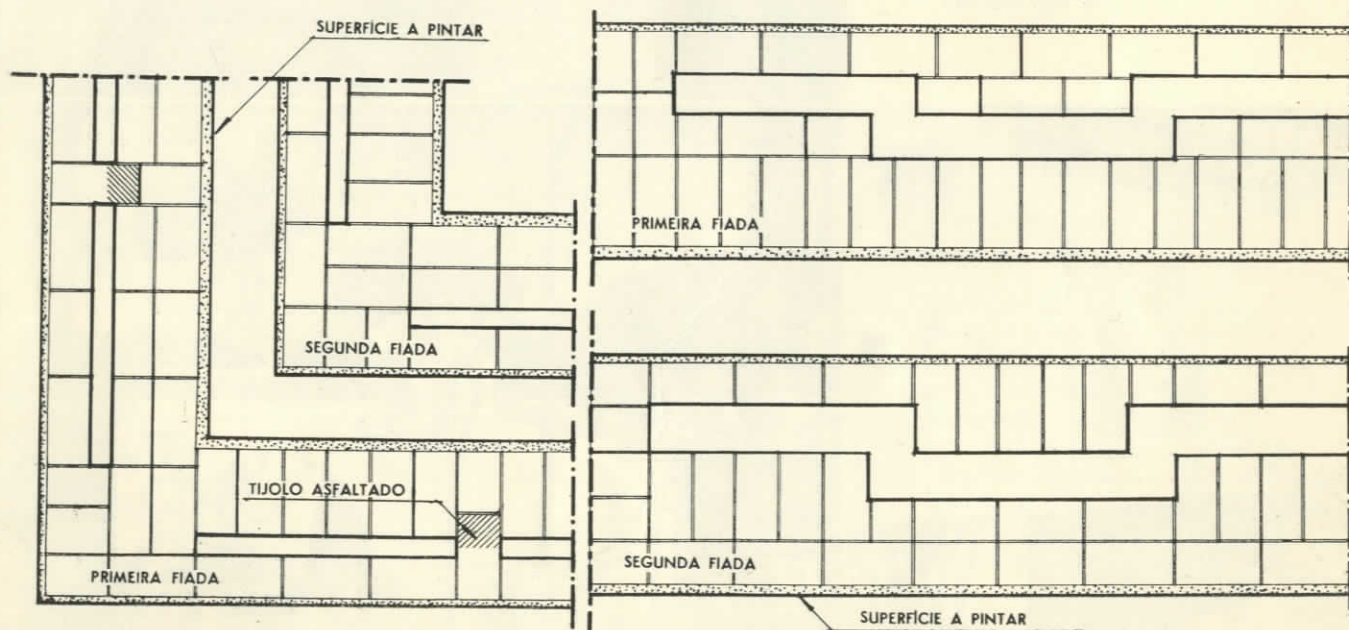


que sintetiza a primeira parte do fenómeno da pintura a fresco.

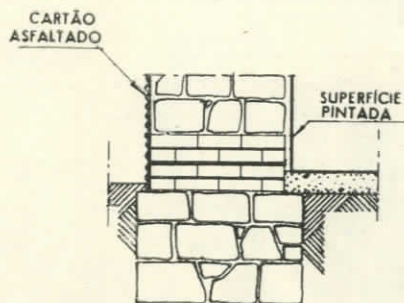
As cores em contacto com a argamassa transformam-na num carbonato de cálcio rico em silicatos, um verdadeiro cimento portanto.

#### PAREDES COM CAIXA DE AR PARA PROTECÇÃO DA HUMIDADE

- A. PAREDE DUPLA TRAVADA POR MEIO DE TEJOLOS ASFALTADOS NOS EXTREMOS  
B. PAREDE COM CAIXA DE AR DISPOSTA EM ZIG-ZAG PORMENORES À ESCALA DE 1:20







SUPORTES — Oferece-nos a arquitectura os seguintes suportes que podem receber em boas condições o fresco:

- 1.º Paredes de tijolo.
- 2.º Paredes de alvenaria ou cantaria.
- 3.º Paredes de betão.

Toda a parede que se destina a ser revestida com pintura a fresco deverá ser isenta de humidade, tanto ascendente (vinda das fundações), como de acesso posterior.

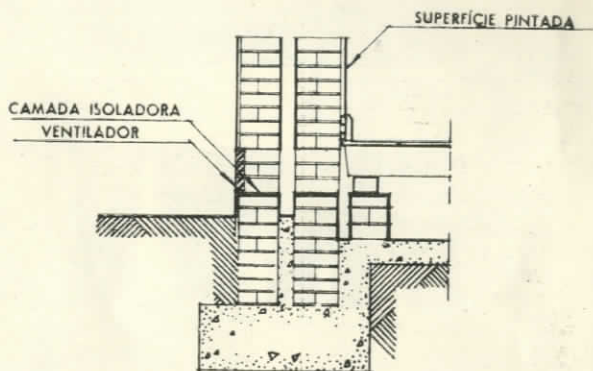
A parede deve estar muito tempo exposta ao ar, sem reboco.

A deterioração da pintura a fresco é, na maior parte das vezes, devida ao salitre ou humidade que, vinda da parte posterior da parede, ataca a superfície pintada. A parede deverá ser portanto completamente impermeável. No caso de parede ensalitrada, deve desistir-se de nela pintar e construir-se uma parede ligeira à frente, com o espaço de alguns centímetros (1).

**PAREDE DE TEJOLO.** — O tijolo, material de tradições milenárias, é ainda hoje fundamental na construção moderna, nos enchimentos entre pilares de betão armado. É porventura o material mais adequado a funcionar como suporte da pintura a fresco. O tijolo absorve no espaço de poucas horas uma maior ou menor quantidade de água que liberta, propriedade importantíssima para a pintura a fresco, como adiante se verá. Convém que os tijolos sejam de fabrico manual, pouco prensados, portanto absorventes e de cor avermelhada.

**PAREDE DE ALVENARIA.** — As pedras calcárias são as pedras de construção por excelência. Possuem

(1) Miguel Ângelo construiu uma parede afastada alguns centímetros da que desempenha papel construtivo, na Capela Sixtina, onde pintou o Juízo Final, sendo o seu paramento ligeiramente desaprumado para que o pó não ofusasse a pintura.



uma resistência notável donde provém a sua grande aplicação nas construções. A sua cor mais vulgar é o branco, com pequenas variantes de tonalidades azuladas, amarelas, cinzentas, etc. As argamassas aderem-lhe muito bem. As paredes de alvenaria não necessitam de ser tão molhadas como as de tijolo. A argamassa muito húmida não é absorvida pela pedra.

**PAREDE DE BETÃO.** — A argamassa de cal e areia não adere ao betão. É necessário arranjar um intermediário susceptível de facilitar a aderência indispensável. Dois métodos existem:

1.º Tornada bem rugosa a superfície do betão, rebocá-la com uma argamassa constituída por cal, areia e cimento com o traço de 1 : 2 : 3.

2.º Depois de bem rugosa a superfície da parede de cimento, rebocá-la com uma argamassa constituída por cimento branco e areia com um traço de 1 : 2.

Tanto num como noutro caso podemos incrustar pequenas pedras porosas de origem vulcânica, que funcionando como verdadeiros ganchos agarram fortemente o enduto.

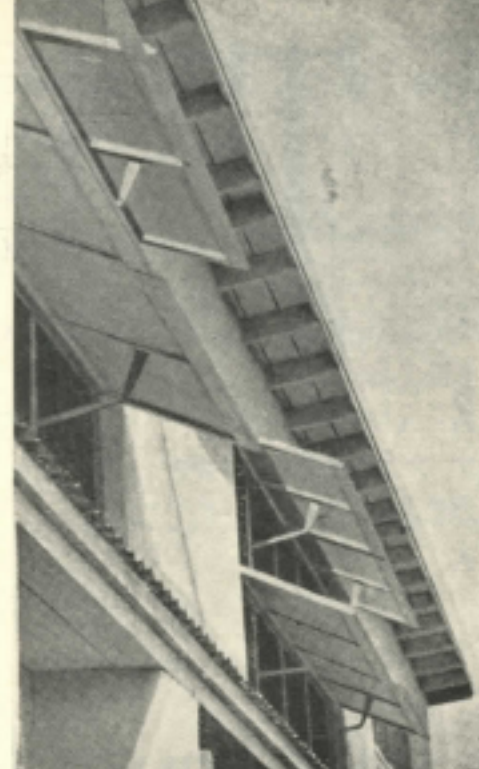
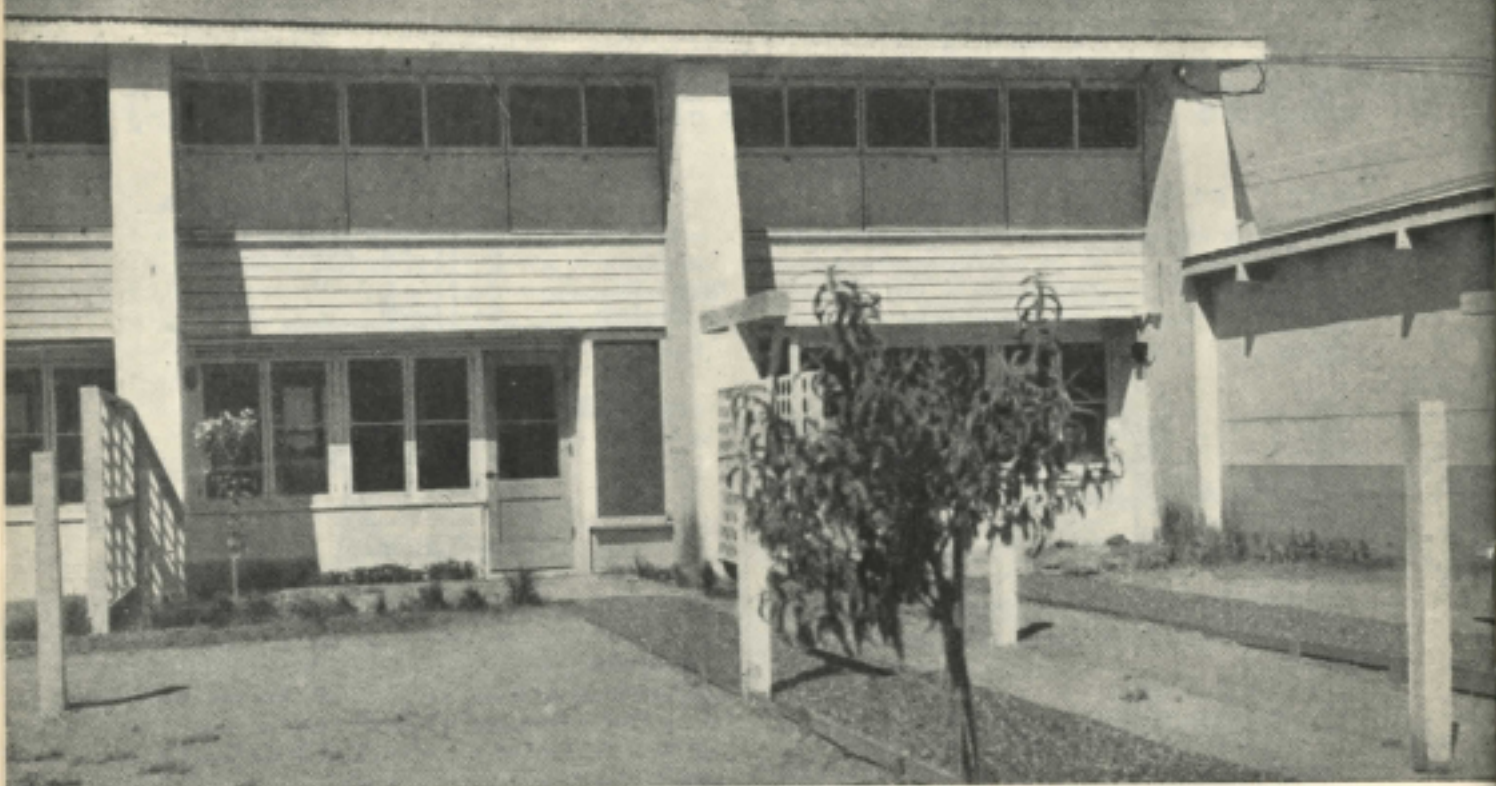
**ARGAMASSAS.** — Todos os materiais que entram na constituição da pintura a fresco completam-se de tal maneira que da má qualidade dum deles pode depender a ruína de tal pintura. Não podemos portanto dizer ser a intervenção deste ou daquele material mais importante que a de qualquer outro. Todos são importantes.

Na constituição das argamassas que vão cobrir o suporte entram a cal (hidróxido de cálcio), elemento activo, a areia elemento inerte, e a água suficiente para se conseguir a pasta (2).

(Continua)

(2) O pintor Mesquita Orozco aconselha juntar-se à argamassa de cal e areia uma pequena porção de cimento Portland se se pretende um material mais duro.





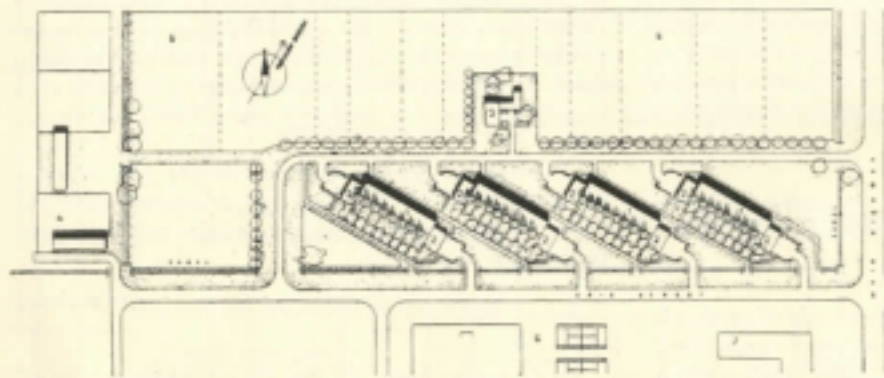
## ARQUITECTOS VERNON DE MARS E BURTON CAIRNS

### Considerações sociais

#### Organização funcional

Situada na região agrícola do vale do Salt River, nos arredores da pequena cidade de Chandler, estado de Arizona. E. U. A., esta Colônia foi construída para fazer face a um grave problema social e econômico.

Em algumas regiões dos Estados Unidos a agricultura está fortemente centralizada e industrializada. Esta forma de produção agrícola, deu bons resultados econômicos, sobretudo na Califórnia e no Arizona, onde, em grandes regiões se fazem sistematicamente plantações de algodão, árvores de fruto ou legumes. A maioria dos trabalhadores rurais vê-se obrigada a andar de região em região durante a época das ceifas, porque o seu salário lhe não permite manter uma habitação fixa durante todo o ano. A sua situação piorou ainda em virtude de muitos lavradores terem de abandonar as suas granjas, por causa do progresso



da industrialização, e procurar trabalho como simples trabalhadores. Em 1936, só na Califórnia, houve 200.000 casos de famílias vivendo em barracas ao longo das estradas, sem água potável, sem o mínimo conforto, sem poder educar os filhos. Eram raros os lavradores que se preocupavam em dar um «habitat» aos seus trabalhadores. Foi por isso que o Governo se viu na obrigação de criar-lhes alojamento e de os ajudar a obter um salário regular.

Em cada um destes estados construíram-se até hoje 15 destas colônias, para um máximo de 1.000 habitantes cada uma. São as unidades mais pequenas, como esta, onde se estabelecem as famílias de origem camponesa, que formam uma associação cooperativa de locatários, a qual pertencem as casas (1), as granjas (4), e o centro social (3). Durante os períodos de desemprego, cada família, na parcela de terreno anexa à sua casa, cultiva legumes e fruta em quantidade suficiente para o seu próprio consumo. A granja, explo-

rada em regime cooperativo, na qual trabalham permanentemente alguns habitantes da colônia, produz leite e carne; os produtos não consumidos são vendidos em proveito da cooperativa. A granja, assim organizada, não só oferece ao trabalhador rural alojamento e meios de existência seguros, como também garante ao grande proprietário um número suficiente de trabalhadores competentes.

#### Situação

O terreno é plano e, antes dos trabalhos de irrigação, era um deserto onde apenas se davam os cactos. O clima é seco e de temperaturas muito elevadas durante o Verão. A colônia compreende quatro blocos de oito casas unifamiliares; cada um destes blocos tem dois abrigos para quatro automóveis (2) cada, um centro social (3) e a granja colectiva (4). A rua da colônia desemboca na estrada principal; os blocos são desencontrados e perpendiculares à direcção do vento

dominante, para efeitos de ventilação.

Para fazer face a possibilidades económicas limitadas, a área da casa está reduzida ao mínimo; por vezes pelo agrupamento de certas funções, as dependências são relativamente grandes.

Em redor dos blocos de habitações há áreas relvadas e arborizadas. Em geral, cada locatário tem automóvel, no qual se dirige ao local de trabalho, que, por vezes, fica muito afastado.

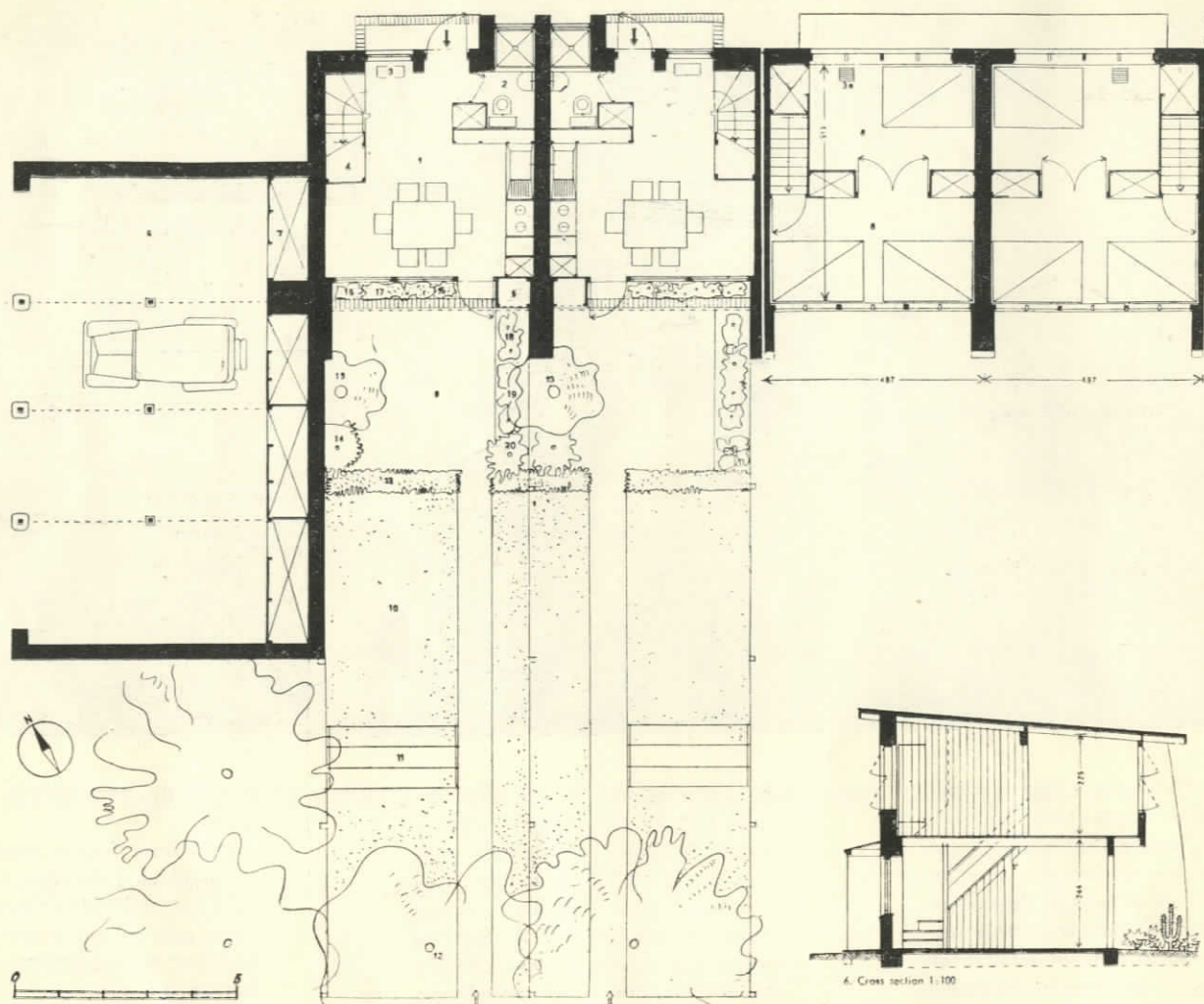
#### Realização técnica

Escolheu-se o sistema de adobe, económico, refractário e isolante — sistema empregado desde longa data na região e já familiar aos trabalhadores indígenas. O custo dos materiais é quase nulo em relação ao da mão de obra.

Janelas: no rés-do-chão, janelas normais de madeira de vidros simples. No andar: janelas de dois batentes oscilando para o exterior, e sobrepostas. O batente inferior (7) é forrado de contra-pla-

# COLÓNIA AGRÍCOLA COOPERATIVA NO ARIZONA





cado e serve no Verão para proteger da luz, conservando-se fechado no inverno. O batente superior (9) é de «Celoglass»: uma fina rede de arame de ferro envolvido em celofane que deixa passar 90% dos raios ultravioletas. Por detrás deste há uma rede metálica fixa contra insectos (8), montada no aro da janela. O recuo dos dois andares impede a insolação directa das dependências a sudoeste ou a sul SW.

A frescura das casas é obtida pelo arejamento de topo a topo previsto nos dois andares; além disso perto da saída para o jardim instalou-se um aparelho muito simples para refrescamento e humedificação do ar (5).

Aquecimento, cozinha e esquentador da casa de banho: funcionam a gás natural fornecido pela cidade próxima.

Equipamento interior: armários

e portas de madeira construídos à maneira da região. A cozinha possui frigorífico e lava-loiças de aço inoxidável. A iluminação é eléctrica em todas as dependências.

#### Considerações económicas

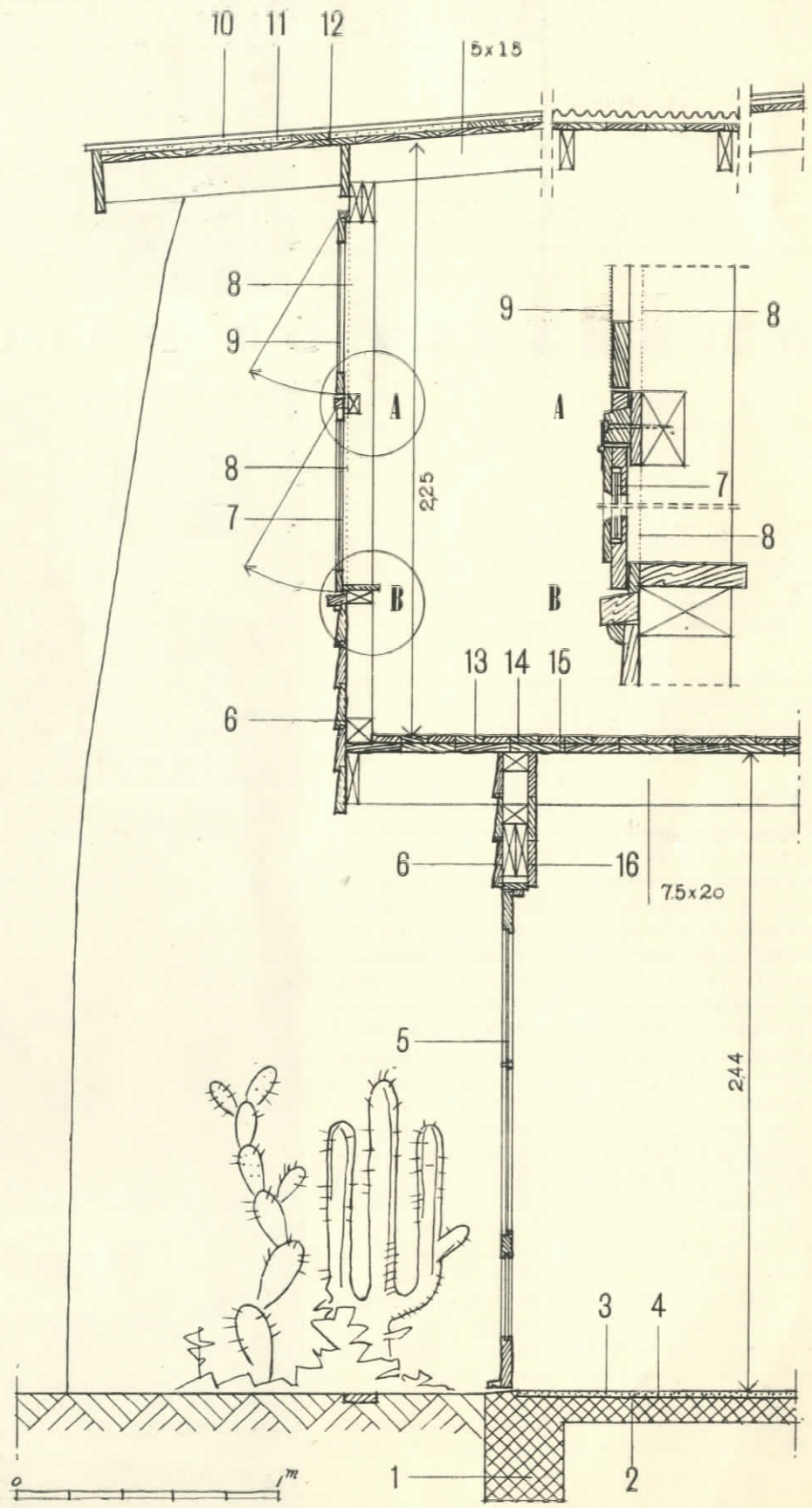
O terreno é arrendado pela cidade. Além disso o governo concedeu um empréstimo a 3%, amortizável em 30 anos. A realização desta colónia faz parte dum programa de colocação de desempregados e trabalhadores não especializados. As despesas suplementares ocasionadas pela associação cooperativa foram cobertas por um fundo de subvenção do Estado. O custo duma casa, incluindo a participação na garagem e compreendendo os honorários do arquitecto, mas sem terreno e arranjo exterior, eleva-se a 1.100

dólares. A renda é de pouco menos de 10 dólares por mês (250 esc.)

#### Síntese estética

A preocupação de levar em linha de conta as condições climatéricas é acusada pelos recuos da fachada sul o que dá a estes renques de casas o seu carácter particular. O ordenamento horizontal dos andares é quebrado e enquadrado pelo ritmo dos contrafortes muito salientes. O carácter arquitectónico das casas, como o conjunto da colónia, exprime francamente os meios simples empregados duma forma engenhosa. Indicação de cores: interiormente e exteriormente os edifícios são pintados num branco quente. Os socos são pintados cor de terra para não se ver a sujidade produzida pela chuva. As portas de entrada pintadas em diferentes cores dão uma nota alegre ao conjunto.

- 1 - FUNDAÇÃO
- 2 - LAJE DE CIMENTO ARMADO
- 3 - CIMENTO MAGRO
- 4 - MADEIRA Prensada impregnada de asfalto
- 5 - PORTA EXTERIOR
- 6 - FORRO DE MADEIRA
- 7 - PAINEL DE CONTRAPLACADO DE 1/4 DE POLEGADA
- 8 - REDE DE ARAME CONTRA INSECTOS
- 9 - PAINEL DE «CELOGLOSS»
- 10 - COBERTURA DE CHAPA DE FERRO ONDULADA
- 11 - ISOLAMENTO DE APARAS DE MADEIRA
- 12 - FORRO DE TÁBUAS PREGADAS EM DIAGONAL
- 13 - SOLHO
- 14 - PAPEL ISOLANTE
- 15 - SUBSOLHO DE MADEIRA PREGADO EM DIAGONAL
- 16 - FORRO INTERIOR DE MADEIRA

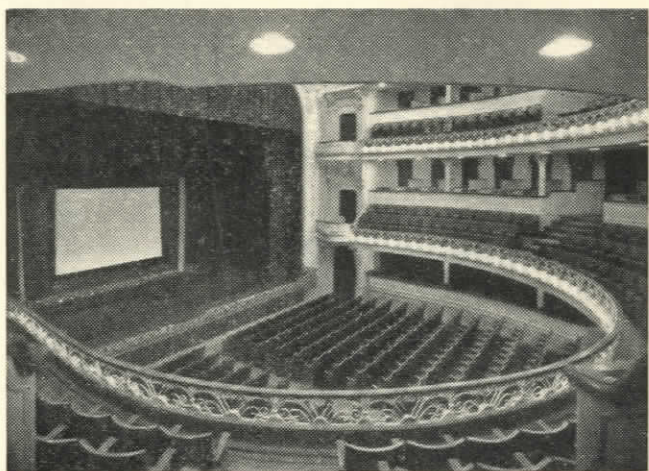




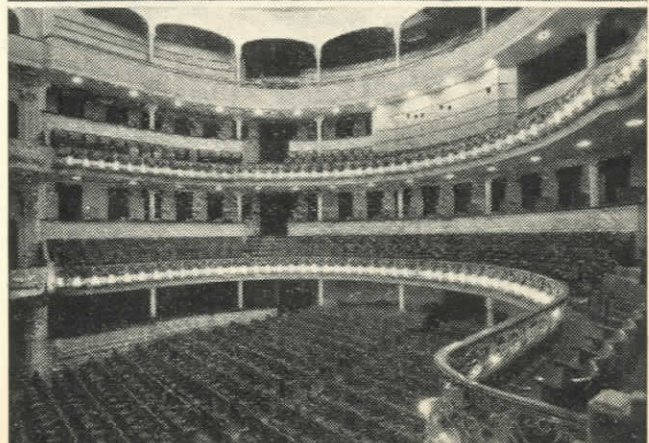
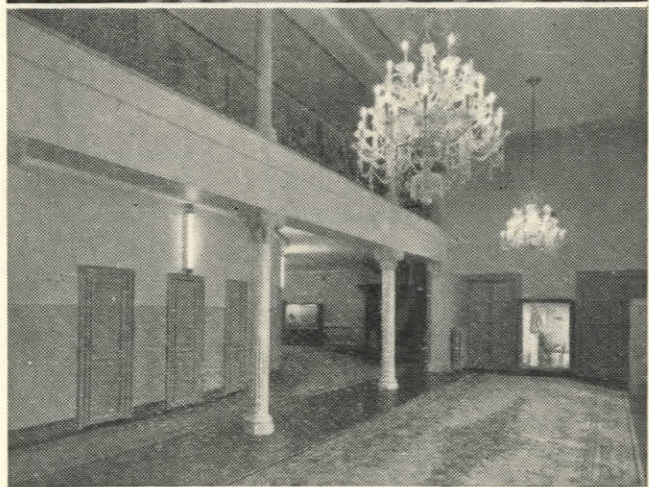
ARQUITECTO RAÚL TOJAL



## O ARRANJO DO POLITEAMA



A transformação interior do velho teatro da Rua Eugénio dos Santos, feita segundo projecto do arquitecto Raúl Tojal, não foi evidentemente uma transformação radical, mas a simplificação de formas e a disciplina de elementos saltam à vista, contrastando com a profusão da decoração primitiva. As velhas decorações a estuque dourado desapareceram em parte, algumas grades foram substituídas, as cores aligeiraram-se, alguns pavimentos foram renovados, o mobiliário deu lugar a outro mais cómodo e a iluminação, transformada, tem hoje maior suavidade, graças ao emprego da luz fluorescente. O ambiente, tanto da sala de espectáculos como do «foyer» e galerias, ganhou em sobriedade e elegância. Algumas montras de publicidade e exposição de artigos, cuidadas no seu arranjo interior, completam e enriquecem o conjunto.





# A CARTA DE ATENAS

CONTINUAÇÃO

**9** A POPULAÇÃO É DEMASIADAMENTE DENSE NO INTERIOR DO NÚCLEO HISTÓRICO DAS CIDADES (CONTA-SE ATÉ 1.000 E MESMO 1.800 HABITANTES POR HECTARE) ASSIM COMO EM CERTAS ZONAS DE EXPANSÃO INDUSTRIAL DO SÉCULO XIX.

A DENSIDADE, relação entre a cifra da população e a superfície que este ocupa, pode ser totalmente modificada, pela altura dos edifícios.

Mas, até hoje, a técnica da construção tem limitado a altura das casas por volta dos seis andares.

A densidade admirável para as construções desta natureza é de 250 a 300 habitantes por hectare. Quando esta densidade atinge como em numerosos bairros, 600, 800 e mesmo 1.000 habitantes, temos então a casa pequeníssima, caracterizada por estes signos:

- 1.º—Insuficiência de superfície habitável por pessoa;
- 2.º—Mediocridade das aberturas para o exterior;
- 3.º—Ausência de sol (orientação ao norte ou consequências da sombra projectada sobre a rua, ou sobre o saguão);
- 4.º—Antiguidade e presença permanente de germens mórbidos (tuberculose);
- 5.º—Ausência ou insuficiência das instalações higiénicas;
- 6.º—Promiscuidade proveniente das disposições interiores do edificio, da presença de visinhanças incómodas.

O núcleo central das cidades antigas, sob a sujeição das cinturas militares, estava geralmente cheio de construções cerradas e privadas de espaço. Mas, em compensação, passada a porta da cintura, os espaços verdes eram imediatamente acessíveis dando aos arredores um ar de qualidade.

No decurso dos séculos, anéis urbanos juntaram-se, trocando a verdura pelo cascalho e roubando à cidade seus pulmões: as superfícies verdes. Nestas condições, as fortes densidades significam a penúria e a doença, em estado permanente.

**10** NESSES SECTORES URBANOS COMPRIMIDOS, AS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE SÃO NEFASTAS, FALTA DE ESPAÇO SUFICIENTE ATRIBUÍDO AO ALOJAMENTO, FALTA DE SUPERFÍCIES VERDES DISPONÍVEIS, FALTA, ENFIM, DE CONSERVAÇÃO DOS EDIFÍCIOS (EXPLORAÇÃO BASEADA SOBRE A ESPECULAÇÃO). ESTADO DE COISAS AGRAVADO AINDA PELA PRESENÇA DE UMA POPULAÇÃO DE PADRÃO DE VIDA MUITO BAIXO, INCAPAZ DE TOMAR POR SI PRÓPRIA, MEDIDAS DEFENSIVAS (MORTALIDADE ATINGINDO OS 20 %).

É o estado interior do alojamento que constitui o pardieiro, casebre, mas a miséria deste é prolongada para o exterior pela estreiteza das ruas sombrias e a falta total desses espaços verdes, criadores de oxigénio, que serão tão propícios para divertimentos das crianças.

A despesa duma construção erigida de há séculos está amortizada há muito, pois permite-se que o seu explorador possa considerá-la ainda como mercadoria negociável sob a forma de alojamento. Se bem que o seu valor habitável seja nulo, ela continua a fornecer, impunemente, e não obstante o género, um rendimento importante.

Condenar-se-ia um marchante que vendesse a carne podre, mas o código permite impor alojamentos apodrecidos às populações pobres.

Para enriquecimento de alguns egoístas, suporta-se que a mortalidade pavorosa e as doenças de todas as espécies, façam pesar sobre a colectividade uma carga esmagadora.

**11** O CRESCIMENTO DA CIDADE DEVORA, AO FIM E AO CABO, AS SUPERFÍCIES VERDES LÍMITROFAS PARA AS QUAIS DAVAM AS CINTURAS SUCESSIVAS. ESTE AFASTAMENTO, CADA VEZ MAIOR, DOS ELEMENTOS NATURAIS, AUMENTA CADA VEZ MAIS A DESORDEM DA HIGIENE.

Mais a cidade se aumenta, menos as «condições da natureza» aí são respeitadas. Por «condições de natureza» entende-se a presença, numa proporção suficiente, de certos elementos indispensáveis aos seres vivos: SOL, ESPAÇO, VERDURA.

Uma extensão incontrolada privou as cidades destes alimentos fundamentais, de ordem não só psicológica como fisiológica.

O indivíduo que perde o contacto com a natureza, diminui-se por isso e paga caro, pela doença e a decadência, uma rutura que debilita o seu corpo e arruína a sua sensibilidade corrompida pelos prazeres ilusórios da cidade.

Nesta ordem de ideias, a medida foi ultrapassada no decurso destes últimos cem anos e isso não é a menor causa da doença com a qual, o MUNDO se encontra presentemente oprimido.

**12** AS CONSTRUÇÕES DESTINADAS A HABITAÇÃO ESTÃO REPARTIDAS SOBRE A SUPERFÍCIE DA CIDADE, EM CONTRADIÇÃO COM AS NECESSIDADES DA HIGIENE.

O primeiro dever do urbanismo é o de se colocar de acordo com as necessidades fundamentais dos homens. A saúde de cada um depende, em grande parte, da submissão às «CONDIÇÕES DE NATUREZA».

O AR, cuja qualidade está assegurada pela presença de espaços verdes, deverá ser puro, desprovido não só de poeiras inertes como também, de gases nocivos.

O SOL, que comanda todo o crescimento, deverá penetrar no interior de cada alojamento para aí espalhar os seus raios sem os quais a vida se estiola.



O ESPAÇO, enfim, deverá ser largamente distribuído. Não esqueçamos que a sensação de espaço é de ordem psicológica e que a estreiteza das ruas, o estrangulamento dos saguões, criam uma atmosfera tão perniciososa para o corpo, como deprimente para o espírito.

O 4.º Congresso Internacional da Arquitectura Moderna, realizado em Atenas, reteve este postulado: O SOL, A VERDADE, O ESPAÇO, SÃO OS TRÊS PRIMEIROS MATERIAIS DO URBANISMO.

*A adesão a este postulado permite julgar as coisas existentes e apreciar as proposições novas, segundo um ponto de vista verdadeiramente humano.*

**13 OS BAIRROS MAIS DENSOS ENCONTRAM-SE NAS ZONAS MENOS FAVORECIDAS (VERTENTES MAL ORIENTADAS, SECTORES INVADIDOS PELO NEVOEIRO, PELOS GASES INDUSTRIAIS, ACESSÍVEIS ÀS INUNDAÇÕES, ETC.)...**

Nenhuma legislação que tenha já intervindo, fixando as condições às quais a habitação moderna deve corresponder, condições que deverão não somente assegurar a protecção da pessoa humana, mas ainda dar-lhe os meios de um aperfeiçoamento crescente; o solo das cidades, os bairros de habitação, os alojamentos, são repartidos dia a dia, ao acaso dos interesses mais imprevistos e por vezes os mais baixos.

Um geómetra municipal não hesitará em traçar uma rua que privará do sol milhares de alojamentos. Um edil, aí de nós! achará natural designar para a edificação de um bairro operário uma zona até então desprezada porque os nevoeiros a invadiam, porque a humidade aí era excessiva, ou porque os mosquitos lá pululavam...

Achará bem que uma vertente norte que, por razões da sua exposição, nunca atraíu ninguém, que um terreno empestado pelas fuligens, os tições fumegantes, os gases deletérios de qualquer indústria, por vezes ruidosa, seja sempre bom para fazer acampar as populações flutuantes e sem raízes sólidas nele que chamem a mão-de-obra corrente.

**14 AS CONSTRUÇÕES AREJADAS (HABITAÇÕES ABASTADAS) OCUPAM AS ZONAS FAVORECIDAS, AO ABRIGO DOS VENTOS HOSTIS, COM VISTA ASSEGURADA E GRACIOSOS LOGRADOUROS SOBRE PERSPECTIVAS PAISAGÍSTICAS, LAGO, MAR, MONTES, ETC., E COM UMA INSOLAÇÃO ABUNDANTE.**

As zonas favorecidas são geralmente ocupadas pelas habitações de luxo; a prova está também dada, pelas

condições instintivas do homem, levando-o, sempre que os seus meios lho permitem, a procurar condições de vida e uma espécie de bem-estar cujas raízes se encontram na natureza em si.

**15 ESTA REPARTIÇÃO PARCIAL DA HABITAÇÃO ESTÁ SANCCIONADA PELO USO E POR DISPOSIÇÕES CAMARÁRIAS CONSIDERADAS COMO JUSTIFICADAS: O ZONING.**

O zoning é a operação feita sobre um plano de cidade com o fim de atribuir a cada função e a cada indivíduo o seu justo lugar.

Tem por base a discriminação necessária entre as diversas actividades humanas reclamando cada uma o seu espaço privado: locais de habitação, centros industriais ou comerciais, salas ou terrenos destinados aos divertimentos.

Mas se a força das circunstâncias diferencia a habitação rica da habitação modesta, não se tem o direito de transgredir regras que deveriam ser sagradas, não reservando senão aos favorecidos da fortuna, somente, o benefício das condições necessárias para uma vida sã e ordenada.

É urgente modificar certos usos, de tornar, através de uma legislação implacável uma certa qualidade de bem estar, acessível a qualquer, à parte qualquer questão de dinheiro, e de proibir, por uma estreita regulamentação urbana, para sempre, que famílias inteiras sejam privadas de luz, de ar e de espaço.

**16 AS CONSTRUÇÕES ERIGIDAS AO LONGO DAS VIAS DE COMUNICAÇÃO E AS PROXIMIDADES DAS ENCRUZILHADAS, SÃO PREJUDICIAIS À HABITAÇÃO: RUÍDOS, POEIRAS E GASES NOCIVOS.**

Se se quiser ter em boa conta esta interdição, deverá atribuir-se, de hoje em diante, à habitação e às circulações, zonas independentes. A casa, a partir de então, não estará já mais, soldada à rua pelo seu passeio.

A habitação erigir-se-á no próprio meio onde disfrutará de sol, de ar puro e de silêncio.

A circulação desdobrar-se-á por meio de vias de percurso lento para uso dos peões e de vias de percurso rápido para uso das viaturas. Estas vias cumprirão a sua função não se aproximando nunca da habitação, senão ocasionalmente.

(Continua)



# ECOS E NOTÍCIAS • LIVROS E REVISTAS

**SUISSA** — O CONGRESSO INTERNACIONAL DE HABITAÇÃO E URBANISMO. É de 20 a 30 de Junho que se realiza em Zurich o anunciado Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo. Na mesma cidade e durante o mesmo mês terão lugar importantes manifestações artísticas em que participarão vários museus estrangeiros. Uma exposição intitulada Helmhaus, mostrará a evolução da confederação suíça e uma outra no Museu das Belas Artes, em Julho, será consagrada a uma retrospectiva das Belas Artes na Suíça nos últimos cem anos.

**FRANÇA** — A MORTE DE TONY GARNIER. Morreu recentemente, com a idade de 79 anos, o célebre arquitecto francês Tony Garnier. Tony Garnier, lionês de nascimento, foi um dos grandes pioneiros da arquitectura moderna. Desde 1900 que proclamava a excelência das linhas simples e sóbrias que o cimento armado pode racionalmente oferecer. Data dessa época a sua famosa obra «Une Cité Industrielle», estudo conjectural que indiscutivelmente abriu novos caminhos e criou novas sugestões inspiradoras ao urbanismo e à arquitectura. Esse estudo ainda hoje pode ser considerado uma poderosa fonte de ensinamentos. Há quem o julgue até certo ponto o precursor das teorias de Le Corbusier.

Entre as principais obras de Tony Garnier realizadas na capital do Ródano, contam-se o Hospital de Grange Blanche e o Estádio.

**FRANÇA** — UM NÚMERO DE «L'ARCHITECTURE D'AUJOUR D'HUI» SOBRE LE CORBUSIER. A revista «L'Architecture d'Aujourd'hui» anuncia a publicação dum número extraordinário sobre a obra de Le Corbusier, apresentado o organizado por ele próprio.

**E. U. A.** — EXPOSIÇÕES DA OBRA DE LE CORBUSIER. Oito grandes museus americanos, em Nova-York, Boston, Filadélfia, Washington, S. Louis, Cleveland, S. Francisco e Los Angeles inscreveram nos seus programas para 1948 exposições sobre os vários aspectos da obra de Le Corbusier: Arquitectura, Urbanismo, Pintura e Escultura.

**E. U. A.** — UMA PUBLICAÇÃO SOBRE A OBRA DE LE CORBUSIER. Os editores Reynal & Hitchcock, de Nova-York, prepararam um volume de 200 estampas sobre a pesquisa plástica de Le Corbusier (1910-1946), onde se salienta a unidade da sua obra de pintor, de arquitecto e de urbanista.

**E. U. A.** — UMA EXPOSIÇÃO DA OBRA DE MIES VAN DER ROHE. O Museu de Arte Moderna de Nova-York apresentou há pouco uma exposição da obra do arquitecto Mies van der Rohe. Esta exposição ocupava uma única sala e era organizada pelo próprio arquitecto.

**FIGURES IN WOOD OF WEST AFRICA**, por Leon Underwood. O autor deste interessante trabalho, o pintor e escultor Leon Underwood, visitou a África Ocidental, numa das muitas viagens que realizou com o objectivo de estudar a Arte Primitiva. No presente estudo foca o assunto sob o ponto de vista estético e analisa o caracter abstrato da Arte Africana e a sua ligação não só com os costumes e as crenças dos povos de África, mas também com a Arte abstrata actual.

A obra, de excelente aspecto gráfico, é ilustrada com cerca de 50 gravuras, com curiosos exemplos de figuras indígenas, — das quais apresentamos duas reproduções — e contém uma pequena bibliografia sobre o assunto.

Pelo seu carácter de seriedade, recomendamos esta obra a quem quiser alargar os seus conhecimentos sobre a Arte Indígena.

Edição de John Tiranti, Ltd. Londres (1947).



**STRUCTURAL STEELWORK FOR BUILDING AND ARCHITECTURAL STUDENTS**, por Trefor J. Reynolds e Lewis E. Kent. Todos os importantíssimos aspectos do problema das estruturas metálicas na coostrução civil são tratados neste livro, como um amplo conhecimento da questão e um útil sentido prático.

O livro encerra noções fundamentais sobre resistência dos materiais, pormenorizando mais o que interessa especialmente às estruturas metálicas. Boa parte da obra é dedicada às vigas, colunas e estruturas para lages, inserindo tabelas e cálculos destinados a facilitar o trabalho do construtor.

Edição de «The English University Press, Ltd.», de Londres.